
COMO PREPARAR UMA BOA APRESENTAÇÃO CIENTÍFICA?

Vanessa Hatje

UFBA – LOQ, Instituto de Química. E-mail: vhatje@ufba.br

Atualmente as palestras científicas são um dos mais importantes meios de comunicação da academia. Apesar do “palanque” ser assustador, estudantes e cientistas devem ser capazes de apresentar palestras bem organizadas e planejadas, uma vez que a reputação do pesquisador poderá ser aumentada ou reduzida em decorrência das apresentações acadêmicas. Este artigo apresenta sugestões para a preparação e apresentação de um bom seminário científico.

Palavras-chave: Seminários científicos; apresentações orais; conteúdo de apresentações orais.

Nowadays scientific talks are one of the most important communication forums for the scientific community. Although stage can be frightening, students and scientists must be able to deliver well organized and well prepared talks, once researcher reputation will be enhanced or diminished by academic talks. This article presents a guideline for preparing and delivering a good academic talk.

Key-words: Scientific talks; oral presentation; talk contents.

INTRODUÇÃO

Um maior número de pesquisadores terá acesso a resultados científicos inéditos ouvindo conferências em congressos, simpósios e defesas de tese do que lendo artigos, visto que a apresentação oral é um dos principais meios de comunicação científica (HEYING, 2003; SCHOEBERL e TOON, 2008). Uma prova disto é o crescente número de participantes em eventos científicos, assim como o aumento da diversidade e do número de eventos. A reputação de um aluno ou pesquisador poderá ser melhorada ou piorada em função da maneira como uma palestra é proferida. Uma apresentação mal elaborada enviará a mensagem de que o apresentador não se preocupa com a audiência e, talvez, de que nem mesmo se interessa realmente pelo assunto (HILL, 1997). A apresentação oral de trabalhos faz parte do processo de comunicação científica, e todo pesquisador deverá ser capaz de elaborar e apresentar uma boa palestra. Isso deverá ocorrer independentemente do medo de lidar com o público ser grande ou pequeno.

Existem várias situações em que alunos e pesquisadores necessitarão falar em público, como em seminários, aulas, reuniões informais, defesa de dissertações e teses, e entrevistas. Para o sucesso acadêmico será preciso aprender e desenvolver essa habilidade.

Para fazer uma boa apresentação será preciso assistir boas palestras. O ambiente universitário é especialmente propício para isso. Bons palestrantes têm a capacidade de transmitir de maneira clara e simples idéias complexas. Sendo assim, durante a apresentação de palestras, independente da natureza destas, é interessante observar não só o conteúdo da apresentação, mas também como o palestrante interage com a platéia, como varia o seu tom de voz, como lida com o tempo e, também, como utiliza os recursos audiovisuais.

Boas apresentações sempre terão as seguintes características: i. apresentar argumentos e suas evidências; ii. convencer a audiência de que os argumentos são verdadeiros; iii. ser interessante e agradável (EDWARDS, 2004). Independente do tipo de apresentação será preciso, antecipadamente, conhecer a audiência. O palestrante deverá saber quem são e quais são os interesses dos ouvintes, também será importante conhecer seu nível

sócio-cultural (POLITO, 1999). A audiência será composta por alunos de graduação ou especialistas? Isso fará muita diferença não só no conteúdo, como também no vocabulário e na forma da apresentação.

Foi demonstrado que o tempo de concentração dos seres humanos é de aproximadamente 45 minutos (ALVES, 2005). Neste período deverá ser apresentado o máximo de três idéias principais, e enfatizá-las não só no começo, mas também no meio e no final da palestra.

É comum ver estudantes de pós-graduação tentando apresentar toda a sua dissertação ou tese em uma palestra de 40-50 minutos, isso não funciona. Uma seleção dos pontos mais interessantes deverá ser realizada e as idéias deverão ser apresentadas dentro de um contexto amplo, pois isso ajudará os ouvintes a se situarem e avaliarem a relevância do estudo. O apresentador deverá indicar para a platéia qual é a mensagem que eles deverão levar para casa (CLARK e EDWARDS, 2000).

O objetivo deste trabalho é subsidiar a preparação de boas apresentações científicas, adequadas ao tema e objetivos da palestra, assim como, aos ouvintes. Nas seções seguintes serão apresentadas orientações gerais para diversos tópicos que constituem a maioria das apresentações científicas nas áreas de ciências biológicas, exatas e da terra.

CONTEÚDO DA APRESENTAÇÃO

As técnicas da narrativa servem para dar à apresentação começo, meio e fim, todos claramente reconhecíveis (ALVES, 2005). O conteúdo é a chave de uma boa apresentação e, geralmente, poderá ser dividido em quatro tópicos: introdução, materiais e métodos, resultados e discussão, e conclusões. Ao contrário de um manuscrito, a apresentação oral não permite ao ouvinte virar a página e analisar a informação que foi apresentada previamente. Sendo assim, para a efetiva transmissão de uma mensagem será essencial que a idéia principal seja repetida várias vezes ao longo da apresentação. A seguir são apresentadas informações específicas para cada tópico da apresentação.

Apresentação da introdução

Introdução é a parte da apresentação onde os ouvintes deverão ser conquistados, portanto, é fundamental

causar uma boa impressão logo no início da fala (HEYING, 2003). Apresentar-se de forma afirmativa e segura, o que na prática significa estar bem preparado, é uma das melhores formas. Levar anotações com uma ou duas frases para iniciar a palestra poderá ser útil, permitindo que o palestrante se concentre na maneira como a informação é transmitida e liberando-o da preocupação com a escolha das palavras iniciais.

A introdução deverá ser curta, cerca de 10-15% do total de uma apresentação. É importante que a apresentação seja iniciada de maneira simples, como “contar uma história” que todos na platéia possam compreender (HAUSER, 2008). O problema e/ou idéia-chave do trabalho deverá ser claramente explicado, bem como a motivação para resolver este problema. A platéia deverá ser motivada e convencida de que o problema em questão é também importante para eles (HEYING, 2003). Em geral, apesar de algumas pessoas na platéia estarem familiarizadas com o assunto da apresentação, muitos não o são e, portanto, precisarão de ajuda. O palestrante deverá ajudar a audiência a entender a importância do problema que tem em suas mãos e porque eles deveriam manter a atenção na palestra. Também será preciso oferecer um mapa para a audiência, avisá-la sobre o caminho que será percorrido, por exemplo, fornecendo informações rápidas sobre os itens que serão discutidos. Deverá ser apresentada, etapa por etapa, uma seqüência lógica de raciocínio, enfatizando qual é a idéia principal. É preciso que o apresentador esteja focado nos objetivos que pretende atingir com a sua apresentação, por exemplo, difundir informação (e.g. resultado de pesquisa), motivar (e.g. alunos a trabalhar em determinada área de pesquisa) ou mesmo promover-se (POLITO, 1999).

Para preparar a introdução deve-se imaginar que a mesma tenha a estrutura de um cone invertido. A fala deverá ser iniciada com os aspectos gerais, e a medida que se desenvolve a escala deverá ser reduzida até que se finaliza com os aspectos mais específicos do trabalho. As informações apresentadas na introdução precisarão estar relacionadas com a discussão e conclusão da fala.

Finalmente, cabe ressaltar que a grande maioria dos ouvintes não será mais compreensiva com o palestrante caso este comece sua palestra se desculpando, seja pelo tempo diminuído que teve para preparar sua palestra ou pela dificuldade com o idioma. Esta situação deverá ser evitada.

Apresentação dos materiais e métodos

Nesta seção deverão ser apresentados a abordagem, o desenho experimental e metodologias de campo e laboratório utilizadas no estudo. A metodologia deverá ser apresentada na voz ativa, por exemplo: “Eu avaliei os métodos A e B, ambos não funcionaram, então testei o método C”. Esse tipo de abordagem vai revelar mais sobre as qualidades do apresentador como cientista e indicará, possivelmente, se ele fez o trabalho de fato (HEYING, 2003). O detalhamento da metodologia vai depender do tópico a ser abordado e dos objetivos do trabalho. Por exemplo, se um método padrão foi utilizado, não será preciso fornecer detalhes. Mas caso tenha sido implementada alguma modificação importante no método original, será preciso informar as principais diferenças entre o método utilizado e o método padrão e/ou os anteriormente usados. Além disso, deverão ser mostrados quais foram os avanços obtidos em relação ao método

anterior e as evidências comprovando os melhores resultados (SCHEWCHUK, 2008). Também será necessário apresentar as limitações metodológicas do trabalho, bem como deixar claro que o apresentador está ciente delas (COTTRELL, 2006). Os métodos também deverão ser apresentados como uma história e não como estaria escrito em um texto. O apresentador deverá dizer “eu fiz isso e depois aquilo”, etc... A apresentação poderá ser planejada de modo a deixar lacunas para que durante a seção de perguntas seja possível retornar a esse ponto caso seja pertinente.

Apresentação dos resultados e discussão

Nos resultados e na discussão os dados deverão ser apresentados, discutidos e interpretados. Apenas os principais padrões obtidos com os dados deverão ser mostrados, detalhes menos importante não deverão ser apresentados, a não ser no momento das perguntas, caso o público solicite. Será preciso ser claro e breve nas explicações, sendo que é extremamente importante que as conexões e as implicações dos dados sejam apresentadas. O apresentador não deverá assumir que a platéia fará isso sozinha (CLARK e EDWARDS, 2000).

De um modo geral, deverá ser evitado o uso de tabelas para mostrar os dados, e priorizar o uso de gráficos e figuras, pois eles ilustrarão melhor os resultados e, visualmente, chamarão a atenção do público (HAUSER, 2008; POLITO, 2003; KSCHISCHANG, 2000). Caso o uso de tabelas se faça necessário, a quantidade de informação a ser apresentada deverá ser limitada e apresentada de maneira bem objetiva. As tabelas deverão conter apenas as informações que serão mencionadas durante a apresentação e que facilitarão a compreensão do público. Grandes tabelas com poucos resultados interessantes nunca deverão ser apresentadas. Cuidado também deverá ser tomado em apresentar apenas o número de algarismos significativos necessários.

Para cada figura ou gráfico será necessário explicar os eixos, as variáveis e as unidades dos dados. Isso ajudará os ouvintes a compreender a informação que está sendo apresentada. Fontes com pelo menos 16 pontos deverão ser utilizadas para as ilustrações. Uma maneira de verificar se o gráfico estará legível para a audiência, é imprimir o slide em tamanho A4, colocá-lo no chão e tentar ler as informações do gráfico mantendo-se em pé (SCHOEBERL e TOON, 2008); caso visualize com clareza todas as informações, o gráfico estará no tamanho adequado. Quando os eixos tiverem números, por exemplo, em porcentagem, bastará colocar 0, 50 e 100% e mostrar as gradações (HAUSER, 2008). As cores deverão ser usadas para ressaltar as informações mais importantes. Por exemplo, dados de um gráfico em preto e linhas vermelhas para circular uma determinada área de interesse no gráfico, ou mesmo para mostrar uma tendência (HAUSER, 2008). Caso o palestrante tenha dificuldade em fazer os gráficos e escolher as cores do mesmo, a apresentação deverá ser mostrada a um colega, solicitando sua opinião, pois isso poderá fazer toda a diferença.

O uso de equações deverá ser evitado (HEYING, 2003; POLITO, 2003), portanto, será importante avaliar se as equações são realmente importantes e necessárias para a apresentação. O grande problema associado às fórmulas deve-se ao fato de que as pessoas estão acostumadas a estudar equações e não vê-las em flashes de dois minutos

de duração. Assim, o palestrante não deve tentar impressionar a platéia colocando uma imensa equação num slide. Se for indispensável a apresentação de fórmulas, estas deverão ser explicadas brevemente. Uma dica importante é adicionar setas e identificar por escrito cada variável da fórmula, deixando claro o que significa cada uma delas.

Apresentação das conclusões

Um erro bastante comum nas conclusões é, simplesmente, listar os principais resultados previamente apresentados. Certamente, as conclusões deverão ser breves e deverão condensar todos os resultados, mas será preciso deixar claro o significado e as implicações dos mesmos. Nesta seção deverão ser demonstradas as conexões entre os resultados e as informações apresentadas na introdução (HEYING, 2003; HAUSER, 2008). Será conveniente estruturar a conclusão de maneira inversa à introdução, como um cone. Os aspectos mais específicos do trabalho deverão ser apresentados primeiro e aos poucos deverá ser ampliada a dimensão de interesse para contextualizar os resultados/conclusões obtidos em uma abordagem generalista e, portanto, de maior aplicabilidade.

Nesta parte, caberá ao palestrante indicar a mensagem que o ouvinte deverá levar para casa, caso contrário cada pessoa da platéia fará esta escolha sozinha e o foco da sua palestra não terá sido bem disseminado. Além disso, palestrantes também poderão apresentar, depois da conclusão, informações sobre a pesquisa futura.

Existe uma frase famosa a respeito das boas palestras, ela diz: “Diga a platéia o que você vai falar, fale para ela. Então diga a ela o que você acabou de dizer” (HEYING, 2003). A grande maioria das pessoas absorve pouca informação na primeira exposição a um determinado assunto, sendo assim, o caminho para a melhor fixação da mensagem de interesse será realizar exposições múltiplas e, assim, facilitar a sedimentação de idéias. Uma maneira de fazer isso será sumarizar resultados na introdução e repetir os mesmos pontos durante a apresentação dos resultados e conclusão.

DETALHES TÉCNICOS

Atualmente, a maior parte das apresentações orais utiliza recursos visuais como o projetor multimídia e o retroprojetor, o que de certa forma tornou mais fácil e barata a preparação de material audiovisual. Conhecimentos básicos de informática, de um modo geral, são suficientes para a elaboração de uma apresentação clara e concisa. Além de preparar o material audiovisual, o apresentador deverá ser capaz de manipular a mídia a ser utilizada, estar familiarizado com o tópico da apresentação e, ainda, estar preparado para responder questões, que muitas vezes não foram antecipadas.

O PowerPoint®, programa da Microsoft® para a preparação de slide e painéis, se tornou um recurso audiovisual padrão em apresentações científicas e é, certamente, uma ferramenta importante, mas nem sempre necessária. O recurso audiovisual (i.e. slides), entretanto, não poderá suplantam a importância do palestrante, seu papel será subsidiar a transmissão de informações entre o palestrante e a platéia, ressaltando as informações mais importantes, esclarecendo e complementando a fala do

apresentador (POLITO, 2003). Uma grande vantagem da utilização de PowerPoint® é que, com um computador, em poucos minutos é possível alterar a apresentação e preparar novos slides.

No entanto, o sucesso de uma apresentação científica só ocorrerá se alguns cuidados forem tomados. Primeiramente, lembre-se que o apresentador estará utilizando equipamentos elétricos e eletrônicos, como computador e projetor, os quais estão sujeitos a problemas técnicos e/ou interrupção do fornecimento da rede elétrica. Nesta situação, o nervosismo e o despreparo agravarão o quadro, dificultando a solução do problema ou a busca por alternativas. Para minimizar a chance de contratemplos, é necessário carregar *backups* (i.e. pen-drive, cd e/ou transparências) e com a devida antecedência, entregar o arquivo para o responsável pelo evento, e certificar-se que o arquivo está abrindo e os sistemas operacionais são compatíveis. Dessa forma haverá tempo suficiente para tomar providências acertadas.

Outro aspecto importante que deve ser enfatizado é a necessidade de prezar pela simplicidade na confecção das apresentações utilizando o PowerPoint® (HAUSER, 2008; COTTRELL, 2006; CLARK e EDWARDS, 2000; KSCHISCHANG, 2000). A simplicidade facilitará a compreensão da audiência, de modo que a informação projetada possa ser absorvida com rapidez e sem esforços (POLITO, 2003). Apresentações com excesso de cores e brilhos podem passar a impressão de que o palestrante está mais preocupado com a aparência do que com o conteúdo. Além disso, prejudica a visualização das informações que deveriam ser destacadas. Sendo assim, planos de fundo muito colorido, como ilustrações ou fotos deverão ser evitados. As fotos, por apresentarem variação de cor, geralmente não funcionam bem como plano de fundo, pois em geral só é possível obter um bom contraste entre fonte e plano de fundo em apenas uma parte da foto, dificultando a transmissão da informação. Por isso, recomenda-se reservar as fotos para os slides de título da apresentação e agradecimentos.

Cuidados também deverão ser tomados com relação aos recursos de animação, os quais distraem a audiência. Além disso, estes recursos variam nas diferentes versões do programa e podem não funcionar.

As cores do material a ser projetado também podem variar de acordo com a versão do programa ou aparelho utilizado para projeção, portanto, é importante escolher combinações que proporcionam um bom contraste entre a cor do plano de fundo e do texto. Duas boas alternativas são: i. fundos claros (branco, bege e cinza claro) com letras escuras (preta, azul marinho ou bordô) para ambientes bem iluminados, os quais tendem a causar menos sono; ii. fundo escuro (preto, bordô e azul marinho) com letras claras (amarelas e brancas). O ambiente para este tipo de apresentação deverá estar bem escuro para obtenção de um excelente contraste. É recomendável que no máximo três cores sejam empregadas. Independente da escolha do plano de fundo, letras em vermelho deverão ser evitadas, pois dificultam a leitura.

As fontes utilizadas deverão ser grandes, não inferiores a tamanho 24 para o texto e 32 para o título. As fontes deverão ser claras do tipo Arial ou Verdana, as quais são fontes comuns em qualquer versão de PowerPoint®. Esses tipos de fonte, nos tamanhos

supracitados, servirão para qualquer tipo e tamanho de auditório.

A quantidade de texto dos slides deverá ser mínima (SCHOEBERL e TOON, 2008; HILL, 1997; HAUSER, 2008; SCHEWCHUK, 2008). Isso significa um máximo de 10 linhas por slide, incluindo o título do mesmo. Se for preciso escrever mais, mais slides deverão ser utilizados. Utilize frases curtas, e limite-se a apenas dois ou três pontos importantes por slide. Um corretor ortográfico deverá ser utilizado no preparo de todas as apresentações.

Todas as referências utilizadas deverão ser citadas. Isso poderá ser feito no rodapé do slide onde a citação é pertinente ou no final da apresentação em uma seção de referências.

ESTILO DE APRESENTAÇÃO

Independente do tipo e estilo da apresentação, a prática prévia da fala é um treinamento extremamente necessário para a obtenção de uma boa desenvoltura durante a palestra e para evitar a insegurança do apresentador na frente dos ouvintes (SCHOEBERL e TOON, 2008; SCHEWCHUK, 2008). É interessante que uma dessas práticas seja feita na frente do espelho, para que se possa avaliar a expressão do palestrante e identificar maneirismos desnecessários que poderão ser eliminados (MALLON, 2003). Realizar prévias para os colegas de pós-graduação e/ou grupo de pesquisa é recomendável, pois esta prática auxiliará não só na localização dos pontos fracos, mas também na avaliação do conteúdo, do visual e da duração da apresentação.

Manter-se dentro do tempo estipulado para a apresentação será sempre crucial e poderá evitar situações embaraçosas. Coordenadores de sessões em congressos e simpósios, por exemplo, têm autonomia para interromper palestras antes que as conclusões sejam apresentadas. Para evitar este tipo de situação, deverá ser reservado, em média, entre 1-2 minutos por slide, mas cabe lembrar que isso dependerá muito do estilo e prática do apresentador. É bastante comum, em função da pressão exercida pela presença da platéia, que alunos apresentem seu trabalho muito rapidamente, em decorrência do nervosismo, mas o inverso também pode ocorrer. Para controlar o andamento da apresentação, é recomendável fazer anotações nos slides, isso vai ajudar a monitorar o tempo. A utilização de relógios, de preferência os que apresentam cronômetros digitais, também será útil. Ainda com relação ao tempo, cuidados deverão ser tomados com a improvisação. Quando apropriadamente utilizada, a improvisação pode ser um recurso interessante para chamar a atenção da platéia, no entanto, palestrantes com limitada experiência deverão evitá-la, visto que a mesma poderá consumir minutos preciosos.

Outro recurso pouco indicado para ser utilizado nas apresentações, especialmente no início da fala, é contar piadas. Embora esta prática possa ser útil e favorecer o apresentador, nem todas as pessoas conseguem ser engraçadas, especialmente em frente de uma platéia, e uma piada fora de hora, ou mesmo sem graça, poderá causar desconforto para a platéia e para o palestrante.

A postura que o apresentador assume durante a apresentação deverá auxiliar a transmissão de informações. Por exemplo, a escuta e a compreensão serão facilitadas

caso haja um contato visual com a platéia. Assim sendo, o palestrante deverá olhar e apontar para o objeto de interesse na projeção e, então, direcionar sua atenção para a audiência e discutir o objeto abordado. Em alguns momentos, durante a apresentação, é interessante esperar alguns segundos para a audiência observar o objeto antes que explicação seja feita. Alguns autores também sugerem que o palestrante escolha algumas pessoas na platéia e, então, faça as explicações olhando para elas, isso ajudará a manter o foco e a atenção da audiência (HILL, 1997; EDWARDS, 2004). Além disso, é importante observar a reação das pessoas, pois esta indicará como a mensagem está sendo assimilada.

Além da postura e da posição, é importante que cada palestrante descubra a intensidade e o tom em que sua voz soa melhor (ALVES, 2005). O tom de voz deverá manter um ritmo, mas é importante que o palestrante escolha alguns pontos da palestra para dar ênfase e decida como, verbalmente, determinado ponto será enfatizado, como por exemplo, alterando a entonação da voz. Em pontos críticos da apresentação o apresentador deverá ser enfático para contagiar a audiência com seu entusiasmo em relação ao seu trabalho. O apresentador também deverá evitar os *uhhh*, *eeee*, *ahhhm* durante a apresentação. Estas vocalizações involuntárias captarão a atenção da audiência (SCHOEBERL e TOON, 2008). Nesta situação o palestrante deverá parar, pensar e só então recomeçar a sua fala. Algumas vezes o silêncio momentâneo é particularmente oportuno. Não há urgência em preencher espaços vazios, pois a audiência estará ocupada em entender as idéias que estão sendo apresentadas.

Quando as apresentações são realizadas em grandes salas ou auditórios, a projeção terá uma dimensão incompatível com a utilização de apontador de madeira, neste caso, muitas vezes será necessário o uso do laser. Utilizá-lo apropriadamente é difícil e requer prática. A regra para a boa utilização do laser é mantê-lo fixo no ponto de interesse (SCHEWCHUK, 2008). A maioria das pessoas tentará fazer círculos ao redor dos objetos e não apontá-los. Isso é um erro bastante comum. Cuidado também deverá ser tomado com os apontadores a laser que mudam slides e/ou têm outras funções acopladas, pois em um momento de nervosismo, será fácil apertar o botão errado.

Todas as apresentações deverão ser finalizadas com os agradecimentos. Neste momento, será importante agradecer a audiência, as pessoas que ajudaram durante o desenvolvimento do trabalho, as pessoas que convidaram o palestrante para falar e, claro, as agências financiadoras. Estes agradecimentos deverão ser sumarizados em um slide final.

Após os agradecimentos, geralmente segue-se uma sessão de perguntas. Para a grande maioria dos alunos de pós-graduação, este, é certamente o momento mais difícil. Embora as prateleiras estejam repletas de livros que podem subsidiar a preparação de uma boa palestra, a literatura específica sobre como se comportar e se preparar para responder perguntas é praticamente inexistente. No entanto, existem algumas estratégias que podem ajudar. Por exemplo, visto que geralmente ocorrerá o aumento de atenção da platéia durante as perguntas, este momento poderá ser utilizado para ampliar e reiterar o tópico mais importante da apresentação. Assim sendo, é importante que o palestrante demonstre que aprecia estar explicando e

compartilhando idéias com os ouvintes. Será preciso muita concentração para escutar cada palavra da pergunta. Se o palestrante repetir a questão que foi colocada, será possível ganhar um pouco de tempo e, principalmente, verificar se entendeu a questão. Caso contrário, deverá ser solicitado que a platéia repita a pergunta. Se mesmo depois deste tempo extra o palestrante não se lembrar ou souber a resposta, ele deverá assumir e dizer que terá que pesquisar este aspecto (SCHOEBERL e TOON, 2008). O palestrante deverá identificar em cada pergunta a oportunidade de responder de maneira simples, com maior profundidade ou mesmo ampliar para assuntos correlatos. Argumentos com a platéia deverão sempre ser evitados. Assim, se a pessoa que questionou o palestrante discorda dos argumentos apresentados e a discussão torna-se fora de propósito ou agressiva, a situação deverá ser contornada. Um bom moderador, neste caso, deverá interferir a favor do palestrante e finalizar a discussão. Caso contrário, o palestrante deverá resolver esta situação incômoda sozinho, assumindo que discorda em determinado ponto e deverá sugerir que os questionamentos continuem, prontificando-se a voltar ao assunto com esta pessoa específica depois de finalizar sua apresentação (SCHOEBERL e TOON, 2008). É importante não insultar a audiência e/ou perder a compostura.

Finalmente, o palestrante deverá se vestir de forma discreta. Um traje adequado estará mandando a mensagem de que o apresentador se importa com a audiência e de que se vestiu bem para ela.

CONCLUSÕES

Com a aplicação de alguns princípios básicos, como manter a simplicidade e muita prática, será possível preparar e fazer uma apresentação científica de sucesso. Certamente, à medida que mais apresentações forem realizadas, mais fácil e eficiente esta tarefa se tornará.

AGRADECIMENTOS

A autora agradece os comentários e sugestões de Francisco Barros, Jailson B. de Andrade e Núbia Moura Ribeiro.

REFERÊNCIAS

- ALVES, C. A arte de falar bem, 1ª Ed., São Paulo: Vozes, 2005.
- CLARK, M.; EDWARDS, P.N. <<http://www.cs.ucsb.edu/~mturk/Misc/HowToTalk.htm>>, 2000, disponibilizada 20/07/08.
- COTTRELL, S. <http://www.palgrave.com/skills4study/pdfs/02305_06534_09_Ch6.pdf>, 2006, disponibilizada 20/07/07.
- EDWARDS, P.N. <<http://www.si.umich.edu/~pne/PDF/howtotalk.pdf>>, 2004, disponibilizada 20/07/08.
- HAUSER, M. <<http://www.wjh.harvard.edu/~mnkylab/GoldenRules.pdf>>, disponibilizada 20/07/08.
- HEYING, H. <<http://academic.evergreen.edu/H/heyingh/downloads/givingtalk.pdf>>, 2003, disponibilizada 20/07/08.
- HILL, M.D. <<http://pages.cs.wisc.edu/~markhill/conference-talk.html>>, 1997, disponibilizada 20/07/08.
- KSCHISCHANG, F.R. <<http://www.comm.utoronto.ca/~frank/guide/guide.pdf>>, 2000, disponibilizada 20/07/08.
- MALLON, W. <<http://www.iam.unibe.ch/~scg/Teaching/VariousMaterial/talkHowTo.html>>, 2003, disponibilizada 20/07/08.
- POLITO, R. Assim é que se fala, 28ª Ed., São Paulo: Saraiva, 1999.
- POLITO, R. Recursos audiovisuais nas apresentações de sucesso, 6ª Ed., São Paulo: Saraiva, 2003.
- SCHWCHUK, J. <<http://www.cs.berkeley.edu/~jrs/speaking.html>>, disponibilizada 20/07/08.
- SCHOEBERL, M.; TOON, B. <http://www.agu.org/sections/atmos/scientific_talk.html>, disponibilizada 20/07/08.
- Hatje, V.; Costa, L.M.; Korn, M.G.; Cotrim, G. (2009). Speeding up HCl extractions to evaluate trace elements bioavailability in estuarine and marine sediments. *J. Braz. Chem. Soc.*, Vol. 20, 846-852. <http://jbcs.sbq.org.br/online/fpapers/08469AR.pdf>
- Costa, L.M.; Santos, D.C.B.; Hatje, V.; Nóbrega, J.A.; Korn, M.G. (2009). Focused-microwave-assisted acid digestion: Evaluation of losses of volatile elements in marine invertebrate samples. *Journal of Food Composition and Analysis*, Vol. 22, 238-241. <http://dx.doi.org/10.1016/j.jfca.2008.10.017>
- Hatje, V.; Barros, F.; Magalhães, W.; Riatto, V.B.; Amorin, F.N.; Figueiredo, M.B.; Spanó, S.; Cirano, M. (2008). Trace metals and benthic macrofauna distributions in Camamu Bay, Brazil: Sediment quality prior oil and gas exploration. *Marine Pollution Bulletin*, 56, 363-369.
- Silva, E.G.P.; Hatje, V.; Santos, W.N.L.; Costa, L.M.; Nogueira, A.R.; Ferreira, S.L.C. (2008). Fast method for the determination of Cu, Mn and Fe in seafood samples. *Journal of Food Composition and Analysis*, 21, 259-263.
- Barros, F.; Hatje, V.; Figueiredo, M.B.; Magalhães, W.F.; Dórea, H.S.; Emídio, E.S. (2008). The structure of the benthic macrofaunal assemblages and sediments characteristics of the Paraguaçu estuarine system, NE, Brazil. *Estuarine, Coastal and Shelf Sciences*, 78, 753-762.
- Santos, W.P.C.; Hatje, V.; Lima, L.N.; Trignano, S.V.; Barros, F.; Castro, J.T.; Korn, M.G.A. (2008). Evaluation of sample preparation of bivalves, coffee and cowpea beans for multi-element analysis. *Microchemical Journal*, 89, 123-130.
- Hatje, V.; Andrade, J.B. (2009). Baía de Todos os Santos: Aspectos Oceanográficos, 1ª Ed., Salvador: Edufba, 2009.

PUBLICAÇÕES MAIS RECENTES DA AUTORA